

Rumo ao Rio das Antas

DIONIZIO A. BUSATTO - Geógrafo

É a mais típica via que podemos ter para pôr-nos em contato com a paisagem colonial riograndense.

Ao sairmos da cidade de Porto Alegre até chegarmos a S. Leopoldo, podemos reparar a marcante tendência que existe em tornar urbanizada essa grande planície.

As várzeas, as elevações, os campos, tudo está sendo subdividido em pequenas propriedades. As construções são diversas. É o jornaleiro que constrói sua casinha retirada. O industrial procura localizar aí sua indústria circundada de inúmeras residências operárias. As tradicionais fazendas de criação vão se reduzindo, desambientaram-se.

Destaca-se logo a falta de vias de comunicação. É lastimável não termos ainda uma estrada acabada e em condições a liberar, sem congestionamento, o intenso tráfego rodoviário desta zona.

Além do rio dos Sinos, a estrada bifurca-se. Seguiremos a estrada estadual. As terras são incultas e abandonadas.

Quando é que conseguiremos fazer um estudo analítico destas terras tão próximas da capital? Adubando-as, para culturas determinadas, teremos uma fartura nunca imaginada entre Caí e S. Leopoldo. Os colonos que por aí vivem utilizam essas terras

para pequenas culturas, sem meios técnicos, pastos para gado. A grande maioria se tornaram terras devolutas.

A cidade de Caí fôra outra centro colonial da colônia alemã do rio Caí. Tudo se comprava em Caí e também tudo se vendia em Caí. As carretas sulcavam as tortuosas estradas por dezenas e dezenas de anos. Um novo incremento recebeu Caí com a imigração italiana. Era em Caí que os primeiros italianos de Nova Milano, Nova Vicenza, Caxias, Nova Trento e Antônio Prado iam comprar suas roupas, ferramentas, sal, e animais para a criação. Também nos armazéns de Caí ficavam seus produtos coloniais. Em Caí comprava-se toda a ferramenta, matéria prima para a incipiente indústria do alto da serra. Caí foi uma cidade previamente estudada tanto na sua localização como no delineamento; é atualmente uma bela cidade.

Mas essa cidade não aproveitou da oportunidade; não foi capaz de corresponder e beneficiar-se.

Devia ter iniciado uma indústria, tanto de transformação dos produtos coloniais, como produtora de utensílios para trabalhos rurais.

Foi cidade "cabeça de ponte", e quando, no avançar da civilização, teve que ceder a

outra mais além, esse privilegiado, viu-se sem recursos. Foi obrigada a reduzir sua hegemonia a um pequeno território limítrofe. Teve, no passado espaço que vai de 1850 a 1900, o papel da Espanha e de Portugal nos séculos XV a XX. Por suas mãos passaram grandes riquezas, mas ficaram pobres porque não tiveram indústrias. Compravam de outrém os produtos, para, em seguida revendê-los; foram meros compradores e revendedores. Não se diga que foi a única cidade que incidiu nesse erro. Também foi cometido por Montengro, Estrêla e em menor escala por Taquara. Sirva essa experiência histórica as cidades que atualmente se encontram em idênticas condições: Erechim, S. Rosa, B. Gonçalves, Joaçaba e Lages, para não irmos mais longe. O interessante seria procurarmos as causas desta constação Histórico-geográfica. Um dos fatores que por certo muito influenciou neste particular foi a diferença existente entre a mentalidade do colono alemão e italiano. Os alemães que povoaram Caí, Montengro e Estrêla, aqui chegaram antes do período do movimento industrial europeu. Os imigrantes italianos estabeleceram-se no Rio Grande do Sul no fim do século passado (... 1875). Se não eram industriais

na Europa, para muitos a indústria não era desconhecida, conheciam-na e mesmo tinham a mentalidade industrial. Quando aqui chegaram e iniciaram o cultivo do solo, destacaram-se, desde logo, os pioneiros industriais. As primeiras indústrias que apareceram foram as de transformação dos produtos coloniais e de utensílios rurais. O malho do ferreiro foi dos primeiros a quebrar a monotonia dos vales silenciosos. Aos moinhos, às adegas e às ferrarias seguiram-se os frigoríficos, as fábricas metalúrgicas, as grandes cantinas, as fábricas de tecidos e produtos químicos. As compras e vendas eram feitas diretamente em Porto Alegre.

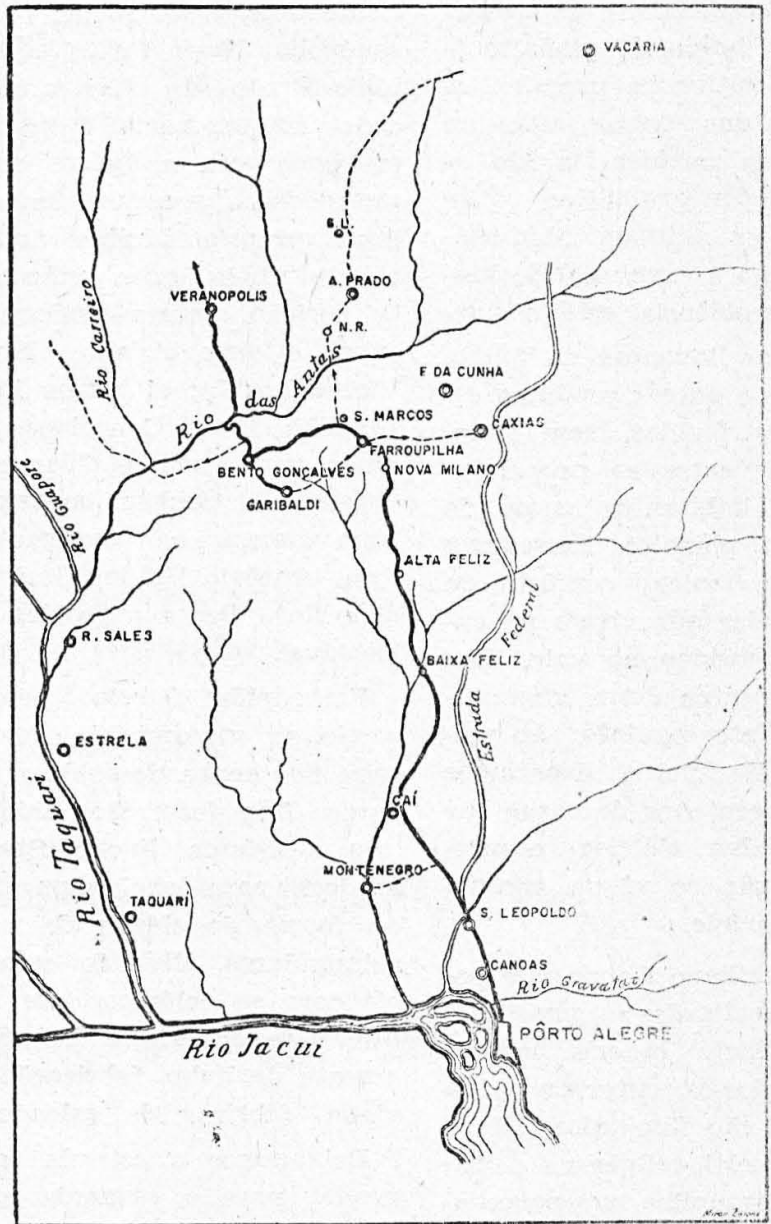
Baixa-Feliz e Alta-Feliz são povoações com casas confortáveis, de alvenaria. Conservam-se tipicamente rurais. As famílias novas emigram para os nossos centros urbanos ou os novos núcleos rurais do nordeste do Rio Grande do Sul, Paraná e S. Catarina. Somente permanecerá no local o último filho com a respectiva família. A população, disseminada nas propriedades rurais, torna-se, deste modo estável. O sistema de cultivo do solo é o de rotação de terras melhoradas; a criação de gado não está ligada diretamente à agricultura. Nêstes últimos dez anos não se constatou progresso marcante nestes dois povoados.

A medida que se sobe a encosta do trapp basáltico,

vai-se notando uma redução de prosperidade nas propriedades rurais. A cobertura vegetal torna-se cada vez mais reduzida nas zonas de cultivo pelo sistema de rotação de terras. As encostas, cada vez mais corroídas pela erosão, expõem a terra avermelhada; a vegetação não mais consegue cobrir o solo basáltico. A camada de humus, que deveria ter sido espessa, desapareceu em parte, como consequência do dematamento desordenado. O

cimo da escarpa ainda tem os restos da mata atlântida.

O planalto foi colonizado por imigrantes vindos da Itália. As casas são mais numerosas e distribuídas pelas propriedades rurais e de feição diferente daquelas da encosta. A primitiva mata foi toda impiedosamente destruída. Também aqui imperou o sistema de rotação de terras na agricultura. A agricultura é o meio de vida destas povoações. As lavouras estão distribuídas



alternadamente com as pastagens artificiais e capoeiras. Aqui na borda do planalto inicia o cultivo da parreira. A maioria das terras sitas ao redor das residências são ocupadas por gramíneas onde pastam os animais domésticos; vacas e cavalos. Não longe da residência está o parreiral. As lavouras de milho, de trigo e outros produtos estão distribuídas, sem simetria, por entre as propriedades. Os habitantes rurais do cimo do planalto, conseguem desfrutar maior conforto do que aqueles que vivem na encosta e mesmo no vale. Um dos elementos desta afirmativa é o fato seguinte: Ao viajarmos de noite, deparamos no alto centenas de casas que dispõem luz elétrica; o mesmo já não se vê na encosta e na planície.

Nova Milano é uma vila poética localizada na mais alta proeminência da orla basáltica de todos os contornos, os horizontes são ilimitados. Ela é a sede social, religiosa e política de Farroupilha, um pouco além, é a cidade da região italiana com melhor panorama. Sua localização foi imposta pela ferrovia Porto Alegre-Caxias, Domina os vales do Rio das Antas e Caí; está assentada no divisor de águas dos dois rios.

Quem teve ocasião de visitar a colonização do nordeste do Rio Grande do Sul pôde constatar que os introdutores dos imigrantes procuraram localizar as povoações no alto, porem sempre em início de

vale. Nova Vicenza, Garibaldi, Bento Gonçalves, Guaporé, Veranópolis, Nova Prata e Antônio Prado são cidades colocadas em um bacio. O grande problema era a água, cada propriedade procurava ter sua fonte própria. Muitas destas cidades ainda agora estão nesta posição, outras tendem ocupar o cimo vizinho. Nova Vicenza subiu; aí temos Farroupilha. Bento Gonçalves que alcançaram o morro, Guaporé e Veranópolis também conseguiram alargar os horizontes. Para Antônio Prado, Garibaldi e Nova Prata o problema é insolúvel.

Farroupilha é bela, parece sorrir ao macambúcio forasteiro que acaba de subir a escarpa. Sua formação iniciou com o sistema linear «Strassendorf» para depois aumentar na forma de cidade de ruas retangulares. Vive do comércio com as colônias, tem fábricas de colchoaria, beneficiamento de linho, fabricação de vinho, fábricas de calçados.

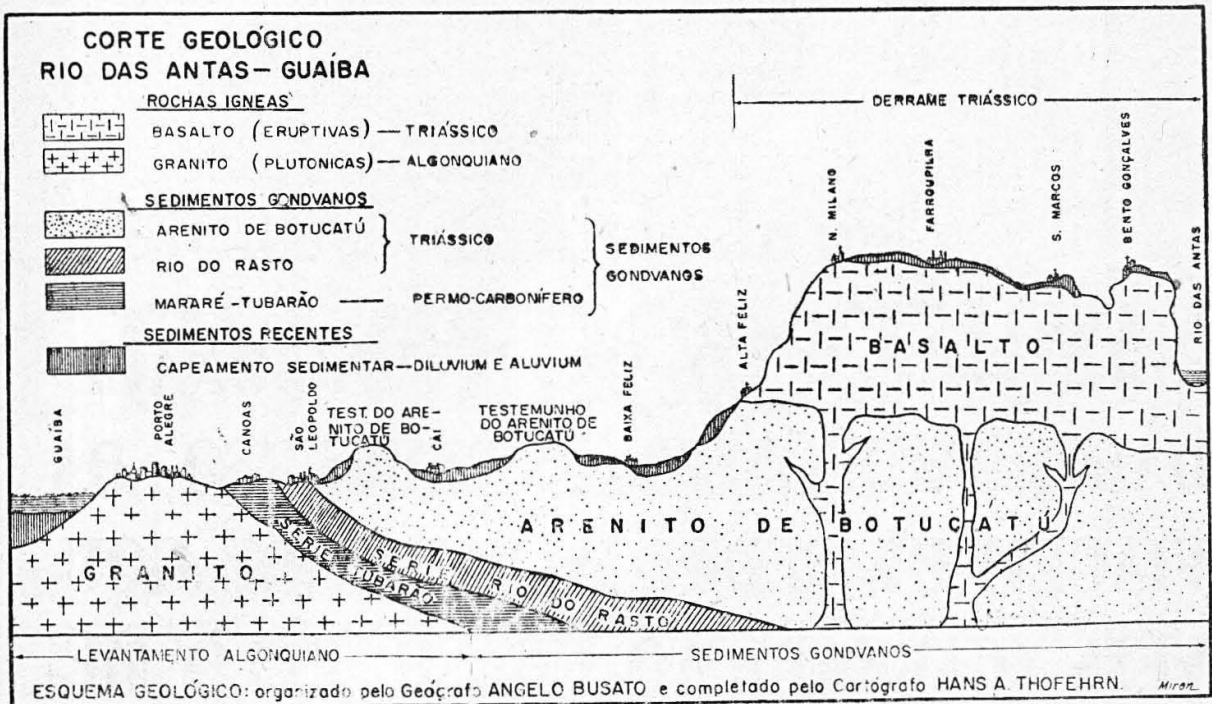
Deixaremos a estrada que pende para a esquerda que nos levaria a Garibaldi. Pela direita iríamos a Caxias, mas para o nosso destino, a de maior conveniência será aquela que vai em direção ao norte.

Na primeira encosta está Nova Vicenza com grande igreja típica. Lotes coloniais pouco cultivados. As matas primitivas foram destruídas. As famílias novas emigraram. O último filho ficou, comprou os imóveis e continua o cultivo do pequeno parreiral e com a agricultura de rotação de

terras, ampara os pais. Porcos, galinhas, vacas e cavalos são os animais de criação. Somente aduba as terras do parreiral, outras não. O transporte é fácil. À direita, em cima do morro completamente isolado está sendo erguido o mais magestoso templo da região; Nossa Senhora do Caravaggio.

S. Marcos é a vila que encontramos a seguir: É uma vila estacionária, não apresenta muito progresso nestes últimos tempos; em sua posição, singela e original, oferece ao desconhecido um momento de surpresa. Aqui já os parreirais se tornam mais bem cuidados.

Postergaremos a estrada Júlio de Castilhos e penderemos para a esquerda tomando a direção noroeste, rumo a Bento Gonçalves. Belos vales com povoações típicas, iremos encontrar antes de chegarmos a essa última cidade. Solares antigos de um tamanho descomunal são os testemunhos da riqueza em haveres, e em filhos das famílias destas regiões. Seus descendentes fazem boa figura em B. Gonçalves, Erechim, Guaporé, Getúlio Vargas e em S. Catarina. A magestade destes solares, os poéticos álamos, os grandes e belos prados emocionam. Quão bela deverá ter sido a infância nestes ermos! Os chorões à beira d'água lá estão a chorar pelos que foram. As casas são geralmente de dois pisos sendo a parte inferior construída de pedra e utilizada para a conservação do vinho. As famílias tem geralmente três



períodos econômicos; No início, quando família nova, está em dificuldades, para, quando tem os filhos mais velhos com 20 anos, estar em boas condições. A medida que vai casando os filhos o patrimônio vai sendo destruído ocasionando o problema do minifúndio. O trabalho é feito pelos membros da própria família, não tem quase assalariados rurais.

Pinhais novos nas encostas, gargantas descomunais, lavou-
ras nas encostas abrutadas e ca-
sinhas brancas ao longe atraí
nossa atenção para a direita.
Logo além destes montes es-
tá o maior dos nossos vales,
a imponente garganta do rio
das Antas. É recurvo e ser-
penteia sem rumo certo.

A estrada faz bela curva e
a cidade de Bento Gonçalves
aparece com num anfiteatro
voltado para o sol nascente.
É bela e original, melindrosa

e orgulhosa de sua liderança
entre as outras da região.
Sua rival é Caxias. Bento
Gonçalves fica muito longe de
Caxias tanto em progresso co-
mo em riqueza e habitantes.
Seu município é rico tanto em
agricultura como em indústri-
a transformativa.

O vinho é seu principal pro-
duto. O trigo, o milho, o linho,
o feijão e a criação de ani-
mais domésticos não são des-
curados. É cidade que tem u-
ma situação de privilégio por
estar num ponto terminal da
estrada de ferro. Um quartel
rodoviário dá remate ao im-
pulso de progresso. As obras
da estrada de ferro do Rio
das Antas, os respectivos cor-
tes e as obras de arte são dis-
pendiosos. Bento Gonçalves u-
sofrui de tudo isso. Mas ape-
sar de tudo ainda não chegou
até aqui o sistema de rotação

de cultura, ou a adubação dos
campos agrícolas; a única a-
gricultura racional é a do par-
reiral.

Seguiremos para Veranópo-
lis. A zona mais bem aquinho-
ada destas paragens tôdas es-
taria no planalto além de Ben-
to Gonçalves. Quão belos e ri-
cos não são os lugares como
Graciema, Faria Lemos, Mon-
tebelo. Deixemos tudo isto pa-
ra seguir nossa estrada. Mar-
geia o caminho belas viven-
das, a mata primitiva sômen-
te pôde subsistir ao longo dos
despenhadeiros. A parreira é
ainda a principal cultura. Pe-
la esquerda segue a estrada
de Passo Fundo via Guaporé.
Em meia hora de percurso o
ônibus nos deixa nas bordas
do rio das Antas. Depois de
um corte de estrada chegare-
mos ao «belvedere». Calemo-
nos, deixemos os olhos verem.